

## **A VIDA: DOM E CUIDADO**

### **Antropologia Teológica e Ética do Cuidado**

---

*Prof. Dr. Leomar Antônio Brustolin\**

#### **Resumo**

O artigo reflete sobre a dignidade sagrada da vida humana enfatizando a ética do cuidado. A teologia cristã entende a vida humana como uma expressão de amor do Criador. O ser humano é compreendido como imagem e semelhança de Deus, conforme o relato genesíaco. Esse dado da revelação cristã, entretanto, sofre algumas provocações, nos dias atuais, quando a ótica racional e pragmatista impedem uma percepção divina da realidade. É por isso que se reclama uma nova leitura da realidade que seja capaz de promover uma nova ética, baseada numa antropologia personalista que integre mais corpo e alma. A fragmentação e o dualismo impedem o exercício da ética do cuidado e propalam a falência do sentido da vida. O resgate da pessoa, do cuidado e do valor da vida permite uma relação mais profunda com o Criador e com toda a criação. Somente assim se compreendem até os limites da vida como oportunidades de encontro com Deus e com a meta da obra criada. No ato de cuidar se explicita a experiência do encontro do humano com o divino, pois a arte da atenção e da preservação do criado é sinal de reverência e acolhida do grande presente de Deus: a vida.

Palavras-chave: Antropologia; ética; pessoa; vida; criação; cuidado.

#### **Abstract**

*This article considers the dignity of the human life, emphasizing the ethics of care. The Christian theology sees the human life as a gift of God's love and as an image of him. Nowadays this image is disfigured by the pragmatism. Therefore new ethical principles are necessary, in order to integrate soul and body. The dualism obstructs the ethics of care and disseminates the sense of life. The care permits a better relation with the Creator and the creation. The preservation of the creatures is a sign of respect to God's gift, namely the life.*  
*Key words: anthropology; ethics; life; care; creation.*

---

\* Doutor em Teologia pela PUST – Roma, Professor da FATEO – PUCRS.

*“Quando vejo o céu, obra de teus dedos, a lua e as estrelas que fixaste, que é um mortal, para dele te lembrares, e um filho de Adão, que venhas visitá-lo? E o fizeste pouco menos do que um deus, coroando-o de glória e de beleza”*(Sl 8,4-6).

Os versos acima denotam uma pergunta intrigante: “O que é o ser humano?” De forma proposital, o autor do texto escolhe palavras que acentuam a condição mortal, o fato de o humano ter nascido do pó. A reflexão convida a perceber como a grandeza do Criador não o impede de lembrar-se, interessar-se e cuidar da criatura. O salmista está atento a essa relação que não se mistura e nem se confunde, mas se fortalece no amor. Deus não perde sua majestade e nem o humano deixa de ser mortal; porém, através desse encontro, o humano é acolhido como filho e por isso adquire novo sentido. Essa percepção estabelece um significado para a existência humana, confere-lhe um sentido maior e abre à transcendência para o encontro com o Absoluto.

A teologia cristã, ao refletir sobre a dignidade sagrada da vida humana, assume a revelação oferecida em Jesus Cristo e coloca-se em defesa e a serviço do *humanum*<sup>1</sup>. Objetiva-se, antes de tudo, educar o olhar do sujeito que pensa sobre as realidades que nos cercam. Reivindicamos uma capacidade, que infelizmente muitos já perderam: encantar-se com o mistério da vida humana. Ela é um mistério, porque jamais há de ser totalmente apreendida pela mente. O ser humano é essencialmente abertura e por isso um ser inacabado.

---

<sup>1</sup> Cf. B. OLIVER. Que é fazer teologia hoje? In LIBANIO e MURAD, *Introdução à Teologia*. São Paulo: Loyola, 1996, p.17.

## 1 Uma nova ótica

A análise da realidade nunca é totalmente imparcial. Somos condicionados por muitos fatores. Somos herdeiros da tradição cartesiana e do racionalismo e evoluímos muito no domínio do conhecimento para o avanço da ciência, da técnica, da robótica e da informática. Muitas pesquisas têm revelado significativos dados que possibilitam maior qualidade de vida e domínio sobre constantes ameaças que abalam a vida e o planeta. “O progresso técnico aumentou consideravelmente a nossa capacidade de controlar e dirigir as forças da natureza, mas também acabou exercendo um impacto imprevisto e talvez incontrolável sobre o nosso ambiente e até sobre o próprio gênero humano”<sup>2</sup>. É preciso, contudo, ser crítico sobre o modo de pensar que muitos têm, quando abstraem os valores subjetivos, as relações interpessoais e menosprezam as dimensões do transcendente, priorizando, e até absolutizando, somente o que é empírico e verificável por métodos que descartam outras dimensões humanas como a arte, a música, a religião, a sensibilidade e a espiritualidade.

Atualmente há uma tendência de afirmar que nossa realidade carece de unidade de sentido que possa ser abarcada por alguma reflexão. Insiste-se na fragmentação que torna ininteligíveis as pretensões universais. Além da falta de sentido, está o não-sentido. A sociedade contemporânea, em acelerado processo de mudança, está dispersa e desprovida de referenciais. Há um vácuo racional e ontológico fundamental.

Através do método de Descartes, a análise da realidade supõe fragmentá-la em suas menores partes constituintes para compreender a unidade básica que é o indivíduo. O equívoco dessa concepção é analisar uma abstração indeterminada e colo-

---

<sup>2</sup> COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, *Comunhão e Serviço: a pessoa humana criada à imagem de Deus*. In *Civiltà Cattolica*, IV, p. 254-286, 6 de novembro de 2004, n. 1.

cá-la como princípio fundamental da vida humana. O indivíduo humano não é apenas uma estrutura biológica ou uma determinada espécie animal. Em sua essência, ele é linguagem, trabalho, religião, costumes, relações, cultura. Ele depende do meio social para se humanizar.

Essa visão prioriza uma determinada relação do ser humano com a natureza. Ela é herdeira da Revolução Francesa e dispensa a percepção subjetiva da existência humana no mundo. É por isso que, nas duas últimas décadas, crescem a apatia e o negativismo: sintomas da crise do pensamento dominante. O novo processo civilizatório confronta-se com as necessidades, desejos e sonhos do sujeito pensante. Nesse choque, o mercado passou a ser o conceito que determina as relações fundamentais do ser humano. Os indivíduos isolados medeiam seu contato com o mundo, através do consumo. Cresce o clima de tensão, concretizado na criminalidade e na violência urbana. A insegurança social parece ser uma característica “natural” da sociedade moderna. Na verdade é a busca desordenada pela sobrevivência diante de uma ética individualizante e competitiva. O ser humano se animaliza: reage com o instinto de defesa diante do ataque violento.

O individualismo é um princípio decorrente da racionalidade moderna. Ele gera uma moral que privatiza o direito e dá caráter de tensão às relações sociais: “O seu direito termina onde começa o meu”. O limite do direito individual é a presença do outro indivíduo e não a convivência social. “A aparente cientificidade ou obviedade da afirmação do indivíduo como princípio basilar e único da sociedade deve-se à aplicação do método científico cartesiano à realidade social”<sup>3</sup>.

Vivemos hoje uma crise sem precedentes: é o declínio da racionalidade absoluta. Civilizações serem abaladas não é um fato inédito. O específico, porém, do nosso tempo é que, pela primeira vez, a destruição do ser humano pode ser o fim do planeta.

---

<sup>3</sup> ABDALLA, M. *O Princípio da Cooperação*. São Paulo: Paulus, 2002, p. 81.

A crise do indivíduo coloca em risco as relações sociais e a preservação da natureza e do próprio planeta. Um caminho de saída supõe a urgência de uma nova civilização, estabelecida a partir de outros princípios, onde objeto e sujeito, fé e razão, sentido e realidade passam a interagir mutuamente.

Na tentativa de estabelecer os fundamentos da nova concepção sobre a vida, hão de se buscar novos conceitos. Neste sentido diz Maturana: “A origem antropológica do *homo sapiens* não se deu através da competição, mas sim através da cooperação”<sup>4</sup>. O ser humano depende dessa atitude comunitária para superar a fragmentação da realidade da forma como é concebida atualmente. “Na existência dos homens, acima de toda necessidade e de qualquer atualidade, está a possibilidade. O homem é o único real que, por imposição do seu próprio modo de ser, é essencialmente rebelde. Nem a natureza, nem a história podem forçar-lhe um código de vida ou uma norma de ação”<sup>5</sup>.

A fragmentação atingiu o núcleo da conceituação da vida humana. Separou o ser humano em corpo, alma e espírito, numa ação desintegradora. Valorizou o corpo como objeto material composto de tecidos e órgãos e prescindiu do sujeito pensante, animado e carente que habita o corpo. Excluiu a percepção da dignidade sagrada da vida, exilando, no plano da subjetividade, as concepções sacrais mais antigas sobre o direito de nascer, de viver e de morrer.

## **2 A vida é um bem**

A vida é o bem fundamental e básico em relação aos demais bens e valores da pessoa. Para a ética, a vida é um bem,

---

<sup>4</sup> MATURANA, H. *Ontologia da Realidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997, p. 185.

<sup>5</sup> LEÃO, E.C. Homem de Humo. In *Cadernos de Bioética*. Belo Horizonte: PUC Minas, 1992, p.24.

mais que um valor. O bem é uma realidade pré-moral, porque existe independentemente do agir e da vontade humana. Também são um bem pré-moral a saúde e a sexualidade. O valor, ao contrário, é uma qualidade objetiva do agir humano e só existe enquanto tal. A vida sempre tem valor, em todo tempo. Não se justifica ser contra o aborto e defender a pena de morte, por exemplo. Igualmente a discriminação é uma forma velada de desvalorização da vida, porque afirma que a vida de uns vale mais que a de outros. Apesar de bem pré-moral, a vida necessita da valorização ética a ser dada pela intencionalidade do agir humano. A avaliação ética de uma intervenção na vida vai depender da intencionalidade do agente e do resultado da ação.

A secularização fez com que a vida deixasse de ser concebida como sagrada e intocável. O princípio da inviolabilidade considera a vida como propriedade de Deus e o ser humano como mero administrador. Este argumento prestou grande serviço à humanidade, enquanto não havia uma legislação para defender a vida. O contexto atual é outro. A vida é defendida com critérios racionais. O que se pretende é superar a visão da pessoa como mera administradora passiva da vida para entendê-la como protagonista desse dom maior. O próprio Deus delega o governo da vida à autodeterminação do ser humano e isso não fere sua autonomia. A vida é presente do Criador, porque ninguém pode dar a si mesmo este dom. A vida, porém, supõe uma tarefa: garantir a qualidade de vida para si e para os outros. Podemos dispor da vida e nela intervir, sem ferir o senhorio do Autor da Vida, contanto que a ação não seja arbitrária.

Outro princípio colocado sob suspeita é o da intangibilidade da vida humana. O princípio da intangibilidade encara a vida de modo estático e fixista, centrado apenas na dimensão biológica, mas é preciso compreender todo significado do viver. Defender a vida intra-uterina e não se interessar, ao mesmo tempo, pelas condições em que viverá esse ser, uma vez nascido, é uma contradição. Muitos grupos tornam a luta contra o aborto uma a-

tidade descontextualizada e de pouca recepção, justamente porque se esquecem da vida como um todo. Apelos “moralizantes” nem sempre são éticos, nem aceitáveis.

A valorização da vida supõe atenção à sacralidade e à qualidade de vida das pessoas. Os dois princípios não se excluem. A vida continua sendo o mistério que escapa à total inteligência e determinação da ciência. A experiência humana é marcada pelo encontro com o numinoso, com o transcendente e absoluto. A existência é pautada por perguntas e necessidades, sonhos e esperanças, tristezas e angústias. Diante de inquietações profundas, a humanidade conheceu o fascinante mundo do sagrado e da experiência do divino. Muitos nomes foram dados para essa realidade. Diante dela a inteligência humana fica muda, porque não consegue entender a magnitude dessa “presença” que a acompanha durante o viver.

A vida humana, portanto, tem uma dignidade sagrada, porque emerge da vontade e do poder criador desse Absoluto. Todas as explicações e teses não conseguem manipulá-lo e nem dominá-lo, muito menos apreendê-lo. Deus é sempre um mistério que transpõe toda habilidade humana. Sendo ele o autor da vida e considerando que ninguém consegue produzir a vida sem o princípio original, conclui-se que a vida humana é puro dom. Oferta de amor que não cobra e nem reclama, apenas pede preservação e cuidado.

### **3 O humano é imagem de Deus**

Para cuidar do humano, é preciso descobrir o conceito que define sua natureza e sua finalidade. A revelação bíblica apresenta o ser humano como imagem e semelhança de Deus. Nesse sentido, a vida humana é sagrada, porque tem sua fonte e meta em Deus. A concepção do ser humano como imagem de Deus teve muita relevância a partir do Concílio Vaticano II. Anteriormente, os teólogos e filósofos tinham prescindido dessa te-

mática em suas reflexões, especialmente porque o conceito de “imagem” sofre duras críticas no racionalismo que prefere o conceito de “idéia”. Há também quem prefira o conceito da “experiência” para definir o que é o humano. Redescobrimo as fontes da fé cristã, o Vaticano II faz emergir o conceito de pessoa como uma imagem de Deus. O resgate dessa noção possibilita um novo olhar sobre a vida humana tantas vezes vilipendiada em diferentes contextos históricos.

No núcleo da antropologia bíblica, o ser humano tem uma semelhança divina. A Sagrada Escritura vincula a compreensão do ser humano ao mistério da compreensão de Deus. Diz a Comissão Teológica Internacional, n. 9:

Dois temas convergem para dar forma à perspectiva bíblica. Em primeiro lugar, é o homem na sua totalidade que é criado à imagem de Deus. Esta perspectiva exclui as interpretações que fazem residir a *Imago Dei* neste ou naquele outro aspecto da natureza humana (por exemplo, na sua virtude ou no seu intelecto), ou em uma de suas qualidades ou funções (por exemplo, a sua natureza sexual ou o seu domínio sobre a terra) <sup>6</sup>.

A doutrina da *Imago Dei*, nesse sentido, explicita que o ser humano integral é imagem de Deus. A dimensão espiritual é vista juntamente com a dimensão física, social e histórica da pessoa. Na sua totalidade, o ser humano é imagem e semelhança de seu Criador. Deriva dessa percepção o fato de ele não ser criado para a solidão, mas para a comunhão. A vida humana tem uma dignidade sagrada, porque está aberta aos outros e ao Mistério. Nas relações é que o humano vai se encontrando e se conhecendo. Nesse itinerário de relacionamentos, o ser humano descobre-se livre e responsável para optar por caminhos de vida ou de

---

<sup>6</sup> COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, n. 9.

morte. Suas relações podem ser de profunda interação com os outros e com Deus, ou de ruptura radical com a alteridade.

#### **4 A integração do corpo e da alma**

O ser humano interage, neste mundo, através de seu corpo. O corpo é a estrutura fundamental da pessoa, o físico lhe dá suporte. Os atentados contra a vida geralmente ocorrem no corpo. A vida corporal não pode, portanto, ter apenas um significado instrumental. Por isso é preciso superar a visão dicotômica originária dos gregos, para quem a alma era boa e a carne má. Não é plausível, também, a influência cartesiana que intensificou o paralelismo entre corpo e alma na tentativa de explicar melhor as partes estabelecendo oposição entre ambos. O corpo é a parte do universo que nós animamos, informamos, conscientizamos e personalizamos. Ele forma unidade com a alma. Assumimos o conceito de alma como a dimensão espiritual e transcendente do ser humano. Muitos preferem o termo espírito e denominam alma a dimensão psicológica (psiché).

A criação foi produzida do nada (*creatio ex nihilo*). Do caos surgiu o cosmo. A alma humana, segundo a tradição cristã, se produz na matéria, contudo, não da matéria. Sem a matéria organizada, não se produz uma alma e não há matéria disposta a converter-se em corpo humano, sem receber também uma alma. O surgimento da alma, portanto, é diferente da criação do mundo, porque supõe uma realidade não-criada e já existente. O ser humano é terreno, mas não se limita às fronteiras do visível, transcende-o, porque quem ordenou a matéria e criou tudo do nada soprou no humano o espírito, a dimensão invisível.

A antropologia bíblica exclui o dualismo mente-corpo. O ser humano é considerado aí na sua integridade. Entre os termos hebraicos fundamentais usados no AT para designar o ser humano, *nefesh*

significa a vida de uma pessoa concreta que está viva (*Gn* 9,4; *Lv* 24,17-18; *Pr* 8,35). Mas o ser humano não tem um *nefesh*, ele é um *nefesh*. Já o termo *basar* se refere à carne dos animais e dos humanos, e às vezes ao corpo no seu conjunto (*Lv* 4,11; 26,29). Também neste caso, o homem não tem um *basar*, mas é *basar*. O termo neotestamentário *sarx* (carne) pode denotar a corporeidade material do ser humano (*2Cor* 12,7), mas também a pessoa no seu conjunto (*Rm* 8,6). Outro termo grego, *soma* (corpo), refere-se ao ser humano inteiro, pondo a ênfase na sua manifestação exterior. Também aqui o homem não possui um corpo, mas é seu corpo. A antropologia bíblica pressupõe claramente a unidade do ser humano e compreende que a corporeidade é essencial para a identidade pessoal<sup>7</sup>.

A separação da alma e do corpo é um grande equívoco na concepção do humano. Para a percepção cristã, a ação divina cria o ser humano completo: corpo e alma, num único sujeito. A pessoa não é somente o corpo ou somente a alma. Ela é fruto da ação imediata de Deus e dos seus pais. Não depende somente do ato biológico, mas também da interferência do Criador. Deus e os pais produzem um sujeito inteiro, os pais, entretanto, participam especificamente do material vivo e mortal (a dimensão visível de um ser humano) e Deus completa essa ação insuflando no ser sua alma, sua personalização, sua dimensão invisível, para além da materialidade: o desejo de imortalidade.

---

<sup>7</sup> *Ibidem*, n. 28.

## 5 O princípio integrador

Uma voz diferente do pensamento fragmentado, herdado do racionalismo moderno, é a voz que convoca à integração e unidade: o princípio holístico. O holismo se estrutura a partir de Parmênides, na Grécia, entre o VI e V séculos antes de Cristo. O filósofo deslocou a reflexão do cosmo para filosofar sobre o ser: da cosmologia para a ontologia. Ele descreve o ser como olos (*hólos* significa todo, inteiro, completo). Em seu poema afirma: “*O ser é incriado, imperecível, é um todo, imóvel e sem fim, é tudo junto... é um todo inviolável, completo por toda a parte*”<sup>8</sup>. Ao longo da história humana, é possível evidenciar muitos pensadores que assumiram essa postura diante da vida e da sua interpretação.

Em 1955, Teilhard de Chardin vê o universo como um todo evolutivo, orgânico e dinâmico. O todo é movimento constante. Para o teólogo francês, não podemos ser nós mesmos, senão totalizando-nos uns aos outros. Seguindo essa perspectiva, descartam-se a fragmentação e o uniformismo. Rejeita-se o fracionamento do universo em pedaços desarticulados. O uniformismo funde os seres em massa homogênea e nivela as realidades diferenciadas. O holismo acolhe o universo como entrelaçamento, mas diversificado. É uma visão horizontal e vertical. Horizontal, porque abriga a totalidade dos seres que compõem o mundo. Vertical, porque capta a profundidade do ser, respeitando cada filamento, cada parte e cada pessoa. O ser humano integra o cosmo, mas é também um todo consciente que sintetiza o universo. Todos os seres têm seu lugar na criação, mas não o mesmo lugar. Inserido no mundo, o ser humano é capaz de atribuir sentido a este mundo.

O holismo supõe uma Teologia da Criação que contemple a unidade do humano. Todos os seres criados são solidários entre

---

<sup>8</sup> REALE, G. *História da Filosofia* I. São Paulo: Paulus, 1990, p. 49.

si, porque se originaram da mesma matéria primordial. Todos são criados por Deus, para que cresçam na harmoniosa multiplicidade do universo. A pessoa, nesse contexto, tem uma cidadania universal, cósmica, que se realizará cada vez mais ao se mover livremente em direção ao próprio projeto do Criador para todo cosmos.

Chamado a cultivar e a guardar o jardim do mundo (cf. *Gn* 2,15), o ser humano tem específica responsabilidade sobre o ambiente vital, ou seja, sobre a criação que Deus colocou a serviço da sua dignidade pessoal [...]. É a questão ecológica – desde a preservação dos habitat naturais das diversas espécies animais e das várias formas de vida até à ecologia humana propriamente dita – que encontra na página bíblica uma luminosa e forte indicação ética para uma solução respeitosa do grande bem da vida, de toda vida [...]. Em face da natureza visível, estamos submetidos a leis, não só biológicas, mas também morais, que não podem ser impunemente transgredidas<sup>9</sup>.

O humano é o único ser para o qual a vida é uma tarefa, porque ela não se reduz ao dado somático-psíquico. Ele tem uma existência inacabada, não só do ponto de vista biológico, mas também espiritual e, principalmente, enquanto unidade pessoal. Essa perspectiva supõe uma antropologia personalista.

## **6 Por uma antropologia personalista**

Não somos projeto de nós mesmos. Nem sabemos de onde viemos e sequer conseguimos prever o absoluto para onde vamos. Essa total indisponibilidade em relação ao passado remo-

---

<sup>9</sup> JOÃO PAULO II, *Evangelium Vitae*, 42.

to e ao futuro pleno coloca o ser humano em busca do sentido de sua existência. A primeira conclusão que se deduz é que somos criaturas, desejadas e criadas por alguém que nos doou o sopro vital. Quanto mais nos aproximamos desse Mistério que captamos modestamente, mais reconhecemos o valor da vida, quanto mais nos emancipamos dessa relação, mais esvaziamos a existência e até perdemos o seu significado.

O conhecimento do humano passa pela antropologia que lhe dá suporte. Ora, a antropologia é sempre uma autocompreensão do sujeito; não é um saber sobre o sujeito, mas um saber do sujeito. A experiência de tornar-se sujeito é sempre situada, interpenetrada de presenças: o eu, o outro e o mundo. O exercício da medicina não pode abstrair do sujeito ao tratar do corpo. Só podemos ter verdadeira bioética, quando existe uma compreensão integral do corpo e da vida como eventos da pessoa. A pessoa identifica-se pelo seu corpo, porém o ser humano não é apenas corpo, pois pode transcender os limites de seu corpo, distanciando-se dele, quando está doente ou sente dor. A pessoa pode estranhar seu corpo. E, através da mente e do espírito, dar novo sentido ao sofrimento, mesmo que este faça perecer o físico.

Na perspectiva personalista, o ser humano é compreendido como unitário na integração entre suas partes e dimensões. Para a antropologia, o ser humano é *dado* (natureza humana) e *expressão* (sua forma), através da mediação do *sujeito*. Dessa forma, o mundo das coisas e o mundo do sentido se decidem no sujeito humano. A mediação entre o dado e seu significado ocorre no sujeito de três maneiras: pela mediação entre a experiência do corpo, que se relaciona com o mundo e a vivência da pessoa; pela mediação abstrata, onde emerge o significado das coisas e dos fatos que o ser humano vive através do psiquismo na relação com os outros; e pela mediação transcendental, quando o ser humano dá sentido à realidade, relacionando o seu espírito com o absoluto.

A antropologia personalista implica uma diferenciada concepção de corpo. Este pode ser substância material em sua totalidade física e materialidade. Reduzidos a esta dimensão, estaríamos apenas atentos ao cadáver. Igualmente, o corpo é um organismo vivo e em sua totalidade biológica tem reações e conexões entre tecidos, órgãos e funções. Esse corpo é motivo de atenção privilegiada das áreas da saúde, mas ele precisa ser conhecido junto a uma terceira dimensão: a do corpo próprio. Trata-se da totalidade intencional e pessoal, da percepção de que um corpo humano é uma pessoa, um evento pessoal.

Nesse contexto elabora-se o conceito do ser humano como “corpo próprio”, isto é, a pessoa vai se apropriando do seu corpo e tornando-se expressão de si mesma. É através do corpo que ocorre a epifania da pessoa para si mesma e para os outros. Isso implica que o corpo não seja apreendido como objeto, mas como sujeito.

O corpo próprio é a autocompreensão do sujeito e do seu “eu corporal”. O humano identifica-se com o corpo físico e biológico; nesse sentido, ele é seu corpo. Para os animais, o corpo dá identidade total à sua existência na Terra. Decorre disso o instinto de sobrevivência. Para os humanos, entretanto, o corpo é vivido, não apenas no sentido biológico, mas no intencional. Decorre dessa concepção o desejo de imortalidade. A pessoa identifica-se pelo seu corpo, mas o ser humano não é seu corpo, porque pode tomar distância e transcender os limites do corpo, projetar-se para além de sua existência no mundo. Pode dar novo sentido ao sofrer e ao finar.

Na busca da intencionalidade dos fatos e objetos que o circundam, o humano descobre que toda sua alteridade está voltada para o grande Outro: o Absoluto, Deus. Segundo os textos do Antigo Testamento, o ser humano não conquistou o poder sobre a natureza numa revolta titânica contra a divindade, antes pelo contrário, recebeu das mãos do Criador a tarefa de cuidar da criação e valorizar o dom da vida que lhe é concedido. Ele, o

humano, deve ser partícipe da criação continuada através de sua ação “preservadora”. A tradição judaico-cristã entende que somos criados por um ato da liberdade de Deus e por isso dependemos dele para chegar à plena realização. A pessoa, portanto, criada na liberdade e para ser livre, depende do Autor da Vida a fim de encontrar a plenitude e o sentido de sua existência mortal.

### **7 Os limites da vida como *locus theologicus***

A reflexão sobre a vida não deixa de contemplar o limite e as perdas como ocasião de compreender o mistério da existência. A sociedade de consumo e a busca do bem-estar ensinam que só vale a pena viver se há o máximo de satisfação e prazer. O doente, o agonizante, o indesejado e tantos outros sujeitos humanos são excluídos dessa lógica. A doença e a morte constituem verdadeiros “lugares teológicos”.

A morte traz consigo novas interrogações e discussões. Cada área do conhecimento humano tem sua percepção sobre essa dimensão. Algumas respostas são mais positivas que outras. Recentemente, a teologia e a antropologia têm procurado desenvolver estudos que reflitam mais a relação entre a vida e a morte, e não apenas entre a morte e o além.

Não se trata de dar uma resposta sobre o mistério da morte, mas pretende-se iluminá-lo.

Biologicamente estamos sempre morrendo: células morrem, são eliminadas, e outras surgem. A morte não é um instante, mas um processo biológico e espiritual. O ser humano é essencialmente um ser-para-a-morte: aprender a viver é aprender a morrer – as religiões são depositárias dessa sabedoria. Não é possível perceber a morte apenas como uma finitude fisiológica, como se a morte fosse a negação da vida ou o fim do sujeito que vive no tempo e no espaço. O ser humano, diferentemente dos demais seres, sabe que vai morrer, tem consciência dessa limitação e por isso não nasce determinado e nem se move apenas por impulsos

biológicos, mas vai construindo sua vida e se construindo. É morrendo que se vive para o eterno.

A natureza humana é indigente. Ao nascer, percebem-se as carências psicofísicas das pessoas que precisam de tempo para passar da dependência total e crescer na autonomia e liberdade dada às criaturas humanas. O tempo vivido neste mundo faz com que a pessoa sempre esteja em profundas mudanças, passando por crises, novas experiências, limitações físicas e psíquicas. A morte não traz a destruição de nossa corporalidade, não obstante a destruição do corpo físico. O corpo tem uma qualidade salvífica, ele espera a transfiguração final para tornar-se glorioso.

### **8 Uma nova ética: o cuidado**

A valorização da vida e o reconhecimento de sua dignidade, desde o surgimento até ao seu ocaso, fazem emergir uma nova visão da realidade humana. A ética nasce da responsabilidade diante do outro. Acolhendo ou rejeitando o semelhante, definem-se as relações de cooperação ou de dominação. Decorre, então, a necessidade de estabelecer critérios que permitam cuidar da vida.

Heidegger (1879-1976) desenvolveu sua reflexão, relacionando cura, cuidado e atenção ao outro. Para ele, o significado último da existência humana está no seu ser-no-mundo-com-o-outro. Nesse contexto, a identidade própria do humano é construída na coexistência e na inter-relação. Na base dessa percepção está o cuidado, compreendido como solicitude, dedicação e inquietação pelo outro. Seu pensamento é construído a partir da releitura da fábula 220 de Hígino. Nela, Cura, Júpiter e a Terra discutem para dar ao ser humano um nome que lhe dissesse para sempre o modo próprio de ser.

*“Certa vez, atravessando um rio, Cura viu um pedaço de terra argilosa: cogitando, tomou um pedaço e começou a lhe dar forma. Enquanto refletia sobre o que criara, interveio Júpiter. A Cura pediu-lhe que desse espírito à forma de argila, o que ele fez de bom grado. Como a Cura quis então dar seu nome ao que tinha dado forma, Júpiter o proibiu e exigiu que fosse dado o seu nome. Enquanto Cura e Júpiter disputavam sobre o nome, surgiu também a Terra (Tellus) querendo dar o seu nome, uma vez que havia fornecido um pedaço de seu corpo. Os disputantes tomaram Saturno como árbitro. Saturno pronunciou a seguinte decisão, aparentemente eqüitativa: ‘Tu, Júpiter, por teres dado o espírito, deves receber na morte o espírito, e tu, Terra, por teres dado o corpo, deves receber o corpo. Como, porém, foi a Cura quem primeiro o formou, ele deve pertencer à Cura enquanto viver. Como, no entanto, sobre o nome há disputa, ele deve se chamar ‘Homo’, pois foi feito de húmus’”<sup>10</sup>.*

O cuidado é uma atitude que comporta dois sentidos totalmente interligados: atenção e dedicação ao outro. A pessoa que sabe cuidar está atenta às necessidades dos outros, faz-se próxima do irmão. É como explica Jesus, quando lhe perguntam: Quem é o meu próximo? Ao contar a parábola do bom samaritano, está claramente apresentada a urgência de ir ao encontro de quem precisa. Próximo não é somente aquele que padece ao meu lado, mas aquele do qual me aproximo, porque sua dor me impulsiona a ajudá-lo. Da atenção ao outro nasce o compromisso de solidariedade. Cuidadoso é aquele que coloca atenção no que faz, ele não se distrai e mostra interesse no que acontece. Essa tomada de posição supõe um despertar para perceber a realidade como ela.

---

<sup>10</sup> HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo*, Parte I. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 264.

Cuidado pode ser entendido também como *custodire*, que significa dar atenção, vigiar, perceber conscientemente. Ser cuidadoso não significa ser controlador, mas viver com atenção e cuidado, estabelecendo relações consigo mesmo e com tudo o que existe. Atualmente há uma carência muito grande nos relacionamentos, muitas pessoas perderam a capacidade de perceber as moções que existem ao seu redor. Muitos não suportam a proximidade do outro, vivem isolados e na solidão. Essa situação impossibilita o exercício do cuidador.

A relação dos seres humanos entre si e a sua interação com o meio dependem da acolhida do mistério do humano como imagem de Deus e da dignidade sagrada da vida humana. “Ao mesmo tempo grandiosa e humilde, esta concepção do ser humano como imagem de Deus representa uma bússola para as relações entre o ser humano e o mundo criado, e é a base que permite avaliar a legitimidade dos progressos técnicos e científicos que têm impacto direto sobre a vida humana e sobre o meio ambiente”<sup>11</sup>.

Ao longo da história se conhece a miríade de tradições terapêuticas que pretendem cuidar do ser humano. A maioria compreende o processo de cura em sua globalidade, envolvendo holisticamente a pessoa e não apenas a parte enferma de alguém. Famosa é a expressão *mens sana in corpore sano*. Trata-se do verso escrito por Décio Júnio Juvenal, um poeta que viveu entre 60 e 130 d.C., que criticava, assim, o exagero romano em sua gastronomia. Hoje se compreende a mente sã em um corpo sã de forma reduzida e unilateral. O corpo sadio supõe uma mente sadia e um espírito sadio. Para adquirir essa integralidade, há de se buscar uma ação conjunta entre o médico, para o corpo, o terapeuta para a mente e o sacerdote para o espírito. As significativas experiências que se têm feito na modernidade, de integrar esses cuidadores, têm revelado resultados importantes. Nem o mé-

---

<sup>11</sup> COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, n. 95.

dico, o psicólogo e o sacerdote são capazes de fazer uma leitura plena do ser humano que está diante deles, mas na interação conseguir-se-á cuidar mais e melhor das partes, sem olvidar o todo.

### **9 Cuidar do humano é divino**

Hoje há uma crise de pertença ao mundo. O ser humano pode acessar qualquer ponto da aldeia global, sem, contudo, sentir-se envolvido, encantado ou afetado pela situação de cada indivíduo, povo ou nação. Há uma frieza no sentido de as pessoas perceberem a cumplicidade existente entre uns e outros.

A arte de cuidar depende do olhar que se lança sobre o outro e sobre a realidade. Olhares desinteressados e omissos jamais serão capazes de encantarem-se com a vida e o mistério que nos circundam. É preciso ter uma atitude contemplativa da realidade. A contemplação, entretanto, nasce da disponibilidade de deixar Deus falar, deixar que ele se mostre. O ato de contemplar, antes de ser o resultado de um esforço humano, é muito mais “dar espaço” para Deus. Ele se movimenta pela coragem do espírito humano de não presumir e nem pretender saber tudo ou conhecer tudo. É um abandono nas mãos do Mistério.

Quando se contempla Deus, enxerga-se o mundo com outros olhos. As cores da vida sobressaem diante da opacidade da existência. Passa-se a ver a beleza do pequeno e do simples e o horror colorido das estruturas que matam. Educando o olhar para ver as necessidades dos irmãos e irmãs, o cristão há de se alegrar com Jesus e louvar o Pai, que se revela aos pequenos e humildes. Há de sofrer e chorar com Jesus diante de Jerusalém que não o acolheu. E lamentar a cultura da morte, que ainda impera no coração humano. Só assim será possível afirmar que “as alegrias e esperanças, as angústias e tristezas da humanidade, são os sentimentos da comunidade dos seguidores de Jesus”<sup>12</sup>.

---

<sup>12</sup> GS, n.1

Quando o humano é capaz de interessar-se pelo outro, pelo cosmos, e agir de forma cuidadora, começa, então, a tornar-se mais semelhante ao Criador. O mundo bíblico utiliza a imagem do Bom Pastor para expressar o amor cuidador de Deus para com sua criação:

*Javé é o meu pastor, nada me falta.(...) me faz repousar. Para águas tranqüilas me conduz e restaura minhas forças; ele me guia por caminhos justos (...). Nenhum mal temerei, pois estás junto a mim, teu bastão e teu cajado me deixam tranqüilo. (...) Unges minha cabeça com óleo e minha taça transborda (Sl 23,1).*

No texto sagrado, encontram-se palavras e gestos de quem percebe a mão cuidadora de Deus, que se revela à criatura. A ovelha sente-se, não só protegida, mas cuidada e amada pelo Pastor. Independentemente da crença, o ser humano tem a capacidade de cuidar. O cuidado propõe uma nova ética nascida de uma nova ótica. As religiões, especialmente a cristã, vivem desse cuidado com a vida, em todas as suas dimensões. Jesus de Nazaré definiu sua ação no mundo como o Divino Cuidador: “Eu vim para que todos tenham vida e vida em abundância” (Jo 10, 10).